

História oral de LGBTs frente a revelação da identidade de gênero e orientação sexual**Oral history of LGBTs in the face of revelation of gender identity and sexual orientation**

DOI:10.34117/bjdv6n11-302

Recebimento dos originais: 16/10/2020

Aceitação para publicação: 16/11/2020

Heloane Medeiros do Nascimento

Especialista em Urgência e Emergência. Enfermeira plantonista concursada da cidade de Riachão-PB.

Endereço completo: Avenida Caiapós, n. 121, Pitimbú. Vila Residencial Club, Torre Florença. Apt. 208. Natal-RN.
Email: heloaneenf@gmail.com**Sávio Marcelino Gomes**

Mestre e Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN.

Endereço: Avenida Senador Salgado Filho, 1787. Lagoa Nova. Natal.
E-mail: saviogomes@ufrn.edu.br**Amanda Haissa Barros Henrique**

Mestre em Enfermagem. Professora do Instituto Federal da Paraíba, campus João Pessoa.

Endereço: Rua Gutemberg Morais Paiva 245. Bancários. João Pessoa-PB.
e-mail: amandahaissa@gmail.com**Luciana Maria Pereira de Sousa**

Mestre e Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN

Endereço: Avenida Senador Salgado Filho, 1787. Lagoa Nova. Natal.
e-mail: lucianamaria_nutricao@hotmail.com**Alyne Mendonça Saraiva**

Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

Endereço: Avenida Olho D'água da Bica s/n. Centro. Cuité-PB
E-mail. alynnems@hotmail.com**RESUMO**

As relações domésticas e familiares se mostram como potencialmente reprodutoras de estruturas de poder e opressão, podendo acarretar em reprodução de experiências de violência. Nessa perspectiva, este estudo se propôs a conhecer as vivências de sujeitos do grupo LGBT quanto a suas experiências familiares a partir da revelação de suas identidades. O estudo é de abordagem qualitativa e exploratória, norteado pelo método de História Oral, onde os colaboradores foram os participantes de um grupo LGBT do município de Cuité, no interior da Paraíba, e suas histórias foram apreendidas a partir de um roteiro semiestruturado, captadas em áudio e posteriormente transcritas, textualizadas, transcritas e conferidas, onde a análise

propiciou a inferência de três categorias, sendo estas: 1) Quando o “armário” se abre, revelam-se histórias; 2) Produções de violências na família; 3) Redes de apoio e estratégias de enfrentamento. O momento da revelação da identidade de gênero ou orientação afetivo sexual é, na maioria das vezes, momento de tensão familiar, marcando conflitos e processos diferenciados motivados especificamente pela condição LGBT, estes, no entanto, são amenizados na experiência dos sujeitos pela interlocução das redes de amizade, estas a principal fonte de apoio e solidariedade em seus relatos.

Palavras-chave: Relações familiares, Apoio social, Minorias Sexuais e de Gênero, Violência, Histórias.

ABSTRACT

Domestic and family relationships are seen as potentially reproductive structures of power and oppression, which can lead to the reproduction of experiences of violence. In this perspective, this study aims to know the experiences of the subjects of the LGBT group in relation to their family experiences from the revelation of their identities. The study is a qualitative and exploratory approach, guided by the Oral History method, where the collaborators were the participants of an LGBT group of the municipality of Cuité, in the interior of Paraíba and their stories were seized from a semi-structured script, captured in audio and later transcribed, textualized, transcribed and checked, where the analysis allowed the inference of three categories, these being: 1) When the closet opens, the stories are revealed; 2) production of family violence; 3) Support networks and coping strategies. The moment of the revelation of the gender identity or sexual affective orientation is, in most cases, a moment of familiar tension, marking conflicts and differentiated processes motivated specifically by the LGBT condition, these, however, are experienced in the subjects' experience by the media. interlocution of networks of friendship, you are the main source of support and solidarity in your stories.

Keywords: Family relationships, Social support, Sexual and Gender minorities, Violence, Stories.

1 INTRODUÇÃO

A população Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti e Transexual (LGBT) é vítima de um processo histórico firmado em diferentes expressões de violência, seja ela física, sexual, psicológica ou de negação de direitos. Estas se materializam na privação da liberdade de expressão, do livre desenvolvimento da personalidade, da autonomia, da dignidade e inviabilizam direitos sociais básicos, como saúde, educação e trabalho. Este conjunto de causas e efeitos produzidos pela sociedade tem sido denominado de uma forma geral como homofobia, sendo o termo LGBTfobia uma forma mais efetiva de possibilitar a representação de diferentes vivências do grupo, sem referenciar apenas a homossexualidade¹.

Entre 2015 e 2017 foram notificadas ao Ministério da Saúde cerca de 778.527 denúncias de violências contra pessoas LGBT. Dessas, 53,4% contra pessoas homossexuais e bissexuais cisgêneros, 46,6% contra travestis e transexuais. O fenômeno da violência contra essa

população se mostra ascendente, com acréscimo de 49,3% no período referido. O principal local de ocorrência destas violações de direitos é a própria residência², apontando as relações domésticas como potencialmente reprodutoras de estruturas de poder e opressão³.

Segundo Sarti⁴, o conceito de família, bem como de mundo social, não se restringe à soma de indivíduos, mas sim um universo de relações, onde seus limites são demarcados pela identidade individualizada de cada membro, revelando tensões e relativizando as experiências de família, onde estas se expressam como auto referidas e permanentemente influenciadas pelo mundo.

As vivências de lésbicas, gays, travestis e transexuais no contexto familiar caracterizam-se como uma “particular operação de suspense”, onde a descoberta de suas identidades e afetividades tende a possuir um imenso poder sob os laços familiares, pois “a revelação da identidade no espaço do amor íntimo derruba sem esforço toda uma sistemática pública do natural e do não natural, do puro e do impuro”⁵ (p.34).

Neste sentido, os limites do espaço doméstico e sua relação relativizada com as individualidades de seus membros podem acarretar em situações de reprodução e introdução a experiências de violência, havendo necessidade, portanto, de se compreender as vivências familiares as quais experienciam os indivíduos LGBT, com vistas à problematizá-las e subsidiar ações políticas de redução de desigualdades.

Nessa perspectiva, este estudo se propôs a conhecer as vivências de sujeitos deste grupo populacional, a partir da revelação de suas identidades/afetividades à família, bem como compreender as dinâmicas familiares após essa revelação e identificar as redes de apoio e estratégias de enfrentamento utilizadas no desenvolvimento do processo.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa possui caráter exploratório, utilizando uma abordagem qualitativa por compreendê-la como adequada aos estudos que buscam indicadores do funcionamento de estruturas e fenômenos sociais em sua complexidade, no campo dos sentidos, motivos, valores e atitudes⁶.

Foi utilizado o método de História Oral, pelo qual pode-se registrar experiências para compreensão de determinado processo social, partindo do relato verbal dos entrevistados, onde estes são conduzidos a verbalizar experiências pessoais, bem como acontecimentos que marcaram suas trajetórias de vida⁷. Esta metodologia, segundo Matos e Senna⁸, possibilita novas visões e perspectivas, centrando-se na memória humana e na sua capacidade de relembrar o passado enquanto testemunha do vivido.

A seleção de colaboradores esteve vinculada à formação da colônia, ou seja, uma coletividade que tem características e interesses em comum. Neste estudo, a colônia foi composta por pessoas que frequentavam o Grupo pela Livre Orientação Sexual (GLOS), que é um grupo de apoio para as pessoas LGBTs que tem sua sede no município de Cuité, no interior do Curimatú Paraibano.

O município de Cuité-PB está localizado na mesorregião do Agreste Paraibano, com uma área de 747,840 km² e população estimada de 20.348 habitantes, seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,591, classificado como baixo, sendo seu Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 157, 121 mil e o PIB per capita de 7.735,40⁹.

A rede, que é uma subdivisão da colônia, foi formada por aqueles que eram maior de 18 anos e quisessem participar da pesquisa de maneira voluntária. Na História Oral, a rede geralmente se inicia com a primeira entrevista que é denominada de “marco zero”. O primeiro colaborador após sua entrevista indica outra pessoa da colônia e assim segue sucessivamente até formar a rede.

As entrevistas seguiram as seguintes etapas, de acordo com Meihy e Holanda⁷: pré-entrevista, entrevista, pós-entrevista.

A etapa da pré-entrevista aconteceu com a apresentação e o convite realizado aos sujeitos para participarem da entrevista, bem como, sua identificação como colaboradores por meio da criação de pseudônimos. Em seguida, foram realizadas algumas perguntas a respeito da temática e os entrevistados informados e assegurados sobre o anonimato da pesquisa. Para que houvesse o primeiro contato entre os colaboradores e a pesquisadora, aconteceu um encontro, para então, ser apresentado o referido projeto. Neste momento, a pesquisadora teve a oportunidade de apresentar-se aos colaboradores, bem como, conhecê-los em suas particularidades.

A entrevista iniciou com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual assegura os colaboradores sobre os seus direitos enquanto participantes da pesquisa e, obedecendo os critérios estabelecidos pela Resolução N° 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), os quais norteiam as pesquisas com seres humanos, sendo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob número do CAAE: 62646716.6.0000.5182. Para garantir o anonimato dos colaboradores, foram utilizados codinomes representados pelas cores da bandeira do orgulho LGBT.

Ao assinarem o TCLE, a entrevista foi orientada por questões que levaram em consideração o momento da vida em que houve a autoaceitação quanto a condição de LGBT, quais as mudanças se sucederam a este momento no contexto familiar e social, a influência da

família na sua vivência LGBT, as dificuldades experimentadas e as vivências de superação de opressões familiares.

No momento da pós-entrevista todos os relatos orais obtidos a partir das gravações foram contextualizados. Neste sentido, o material foi transcrito obedecendo à sequência de fases descritas por Meihy e Holanda⁷: 1) transcrição absoluta de todo relato gravado; 2) textualização, momento em que todas as perguntas foram eliminadas, como também os erros gramaticais e sons do ambiente; 3) transcrição, etapa na qual as pesquisadoras atuaram na recriação do texto de maneira mais ampla, retirando ou invertendo parágrafos e acrescentando palavras de continuação e, por fim, 4) conferência, onde a história já finalizada foi disponibilizada para cada entrevistado, possibilitando o acréscimo de alguma informação ou a retirada de alguma parte que o mesmo não deseje que conste na história, para então, dar sua aprovação final.

A análise do material contou com a elaboração de eixos temáticos criados a partir dos objetivos da pesquisa e da reunião de temas emergentes das narrativas, respaldados pela literatura pertinente, sendo estes: 1) Quando o “armário” se abre, revelam-se histórias; 2) Produções de violências na família; 3) Redes de apoio e estratégias de enfrentamento.

3 RESULTADOS

Os discursos apreendidos nesta pesquisa foram provenientes das histórias de 6 homens cis homossexuais e 1 mulher trans heterossexual, estes apresentaram idades entre 26 e 46 anos, declarando, em sua maioria, estado civil solteiro, religião cristã católica e ensino médio completo. Suas histórias materializam-se enquanto informações-chave para compreensão do fenômeno em questão e são organizados aqui por eixos temáticos.

Eixo Temático 1: Quando o “armário” se abre, revelam-se histórias

O “armário” é um termo utilizado para guardar tudo aquilo que foge da condição de “natureza” heteronormativa e dos mecanismos de regulação de gênero e sexualidade precocemente impostos, como sugere Bento¹⁰, onde desde o nascimento, o discurso social dirige a preparação dos corpos para o êxito no desenvolvimento dos papéis de gênero.

O armário se coloca, por um lado, como forma de proteção daqueles cujas experiências estão à margem da sociedade, no entanto, torna-se também mais uma ferramenta de controle e regulação das experiências de gênero e da sexualidade humana, garantindo a invisibilização de vivências LGBT e o estabelecimento de fronteiras entre o socialmente correto e o incorreto⁵.

Sair do armário não é, portanto, uma escolha individual, e esta decisão também não depende somente de coragem, disposição ou capacidade individual¹¹, como afirmam Silva e Barbosa¹², a exposição de suas vivências se mantém em constante negociação de si para com o mundo, em um constante movimento de “perseguição”, de forma individual ou em grupo, como anuncia Lilás, em sua história:

No início não é muito fácil, é muita coisa... Já veio irmão passando na cara o preconceito.. Começaram as brigas em casa com meu irmão pegando no meu pé [...] então começou aquela perseguição, aquela cobrança: - “ah, fulano é gay, fulano num sei o que, pois então você é, você só anda com fulano que ele é gay, então você é!” (Lilás)

O armário de Lilás foi, portanto, violado antes mesmo que ela pudesse se libertar de forma autônoma, revelando uma LGBTfobia regulatória anterior a revelação de sua vivência, deslegitimando sua condição de LGBT ao atribuí-la às influências sociais¹³. Alguns destes elementos também podem ser observados na história de Verde, em que seu armário foi rompido no seio familiar por influencia direta da sociedade:

Eu falei pra minha mãe. Eu tive que falar na verdade, porque era um assunto que já tava tomando grandes proporções na minha cidade, então ou eu contava ou alguém contava pra ela e eu preferi dizer, [...] então foi um baque! (Verde)

Em sua fala, Verde revela que a sua saída do armário representara um enfrentamento direto da crença em uma heteronormatividade compulsória e natural, o que remete ao momento em que segundo Soliva e Silva Jr³, as mães e pais se deparam com ruptura imediata de expectativas que projetaram para seus filhos, culminando em uma “crise” nas relações familiares.

Lilás ainda expõe em sua fala elementos que contribuem para a compreensão de fatores que implicam e atravessam as reações dos membros da família frente à descoberta das vivências LGBT:

Sofri, como digo, não é fácil, porque como manda a natureza, toda mãe quer um filho pra casar, quer uma filha pra casar, ter filho [...] Meus pais, que são um povo mais antigo, com a mente “menor”, a aceitação é um pouquinho mais difícil, tem mais preconceito. (Lilás)

O sofrimento revelado por Lilás tem origem nas regulações de gênero advindas da ideia de “natureza” atribuídas a corpos *cis* e experiências heterossexuais, fatores diretamente atrelados a influência religiosa cristã e sua construção e manutenção de parâmetros que buscam a normalização da vida social¹². Esta normalização, quando não atendida, pode preceder o processo de negação pelo qual passou o irmão de Verde:

Com meu irmão foi parecido, assim, ele tentou de todas as formas dizer que não era aquilo [...] que não era pra acontecer aquilo, que não era o que eu queria, no começo ficou de cara fechada pro meu lado. (Verde)

A dificuldade de aceitação por qual passou o irmão de Verde também pode ser percebido nas experiências com o pai de Amarelo e a mãe de Vermelho:

Em casa, a primeira pessoa que eu contei, assim, foi a minha irmã. Ela teve um choque de início, mas no fundo, no fundo como ela disse, já sabia [...] ai painho nem toca no assunto. (Amarelo)

Minha mãe só perguntou uma vez se eu era (homossexual)... não lembro nem a idade que foi isso, mas eu disse que era, e também ela não perguntou mais nada, né? [...] Minha mãe vê, ela sabe que sou homossexual, mas ela não pergunta, não diz nada. (Vermelho)

Observa-se nas falas que mesmo que algumas pessoas da família já tivessem percebido que a afetividade e/ou a identidade do outro fosse fora dos padrões impostos, o ato de revelar-se verbalmente é o que realmente traz a confirmação para a família, que muitas vezes, prefere não falar mais sobre o assunto.

Segundo Perucchi; Brandão e Vieira¹⁴ essa atitude de fingir não ver apresenta-se como uma forma de silenciar o assunto e de velar a exposição desta experiência no meio familiar e, segundo Silva et al.¹⁵ (p. 688), “essas dificuldades apontam para uma aceitação parcial ou oscilante, uma pseudoaceitação do filho, com sua orientação sexual e projetos de vida”.

De acordo com Schulman¹⁶, os componentes familiares utilizam de meios de adaptação para tolerar a realidade revelada, como exemplifica o pai de Verde:

Meu pai, assim.. a gente não tem contato com muita coisa, a gente fala praticamente o básico, a gente se respeita, mas não aconteceu nada, não tem nada, nenhuma intriga, nem nada, eu acho que foi um afastamento assim, não sei nem te explicar o motivo [...] algo entre a gente impede essa comunicação. (Verde)

Geralmente esse processo de revelação da homossexualidade, seja ela descoberta por algum membro familiar ou revelada pela própria pessoa, tende a gerar situações de tensão e conflitos que fazem do ambiente familiar um espaço marcado por perseguição, medo e preconceito, manifestando a violência intrafamiliar de diversas maneiras³.

Em contrapartida, alguns dos sujeitos do estudo trazem a tona as experiências que refletem como positivas em relação a algum membro importante da família, sendo possível observar através da fala de Azul:

Minha mãe ela é maravilhosa, é uma mulher ímpar pra mim! Ela é uma pessoa um pouco despreparada pra conversar, pra entender do assunto, mas tenta a todo momento, a toda hora, suprir todo o amor que o meu pai nunca me deu. (Azul)

As experiências positivas, na maioria das vezes, relacionaram-se a figura materna, historicamente associada à maior dedicação a sua prole pelos papéis de gênero socialmente estabelecidos e reproduzidos, em que a mãe é a principal responsável pela compreensão e provimento de afeto a seus filhos¹⁷, com exceção da relação de Lilás com sua mãe, exposta na categoria a seguir, onde reflete violências produzidas e reproduzidas no seio familiar.

Eixo temático 2: Produções de violências na família

De acordo com o estudo de Pinto et al.² foram os familiares os autores mais frequentes de violências na fase da adolescência (10 a 14 anos), bem como na fase idosa (acima de 60 anos). A violência intrafamiliar prevalece na faixa etária dos 15 aos 19 anos. Por fim, na fase adulta prevalece, portanto, violências perpetradas por parceiros íntimos.

No presente estudo, a raiz das violências vivenciadas pelos sujeitos mostra-se inicialmente ligada à categoria de gênero, onde o feminino, segundo Bento¹⁰, representa aquilo que é socialmente desvalorizado e, ao apresentar-se em corpos masculinos, torna-se inaceitável às normas de gênero.

A rejeição ao feminino se expressa, de forma mais intensa, na vivência de Lilás enquanto mulher trans:

Eu disse a minha mãe que ia colocar a mama... só que ela, toda vida foi contra, ela nunca foi a favor [...] Minha mãe ainda me chama pelo meu nome de batismo, Ave Maria! (Lilás)

O comportamento da mãe de Lilás pode ser compreendido ao reconhecer a matriz cultural de regulação de corpos, a qual segundo Butler¹⁸, exclui identidades que fogem do binômio assimétrico e oposto do masculino e feminino em decorrência do sexo biológico, e de acordo com Souza et al.,¹⁹ é na fase de iniciação das mudanças corporais que se deflagram as situações de opressão e discriminação, onde o não reconhecimento de sua identidade configura também uma forma de violência.

Pinheiro e Araújo²⁰, ao observar o *modus operandi* do cotidiano de travestis e mulheres trans, sugerem considerar, para além da violência física e mortalidade, as violências e “mortes” impostas à estas mulheres rotineiramente, onde estas “morrem” também ao serem excluídas pela família, bem como quando lhe é negado o direito à utilização do nome social.

No relato de Verde, o que é concreto na experiência transexual, torna-se uma preocupação para seu pai, por relacionar a feminilidade à sua experiência de homem *cis* homossexual:

A primeira coisa que ele pensou.. eu acho que por ele ter uma mente um pouco.. meio fechada, eu acho que ele pensou logo assim: - “gay é aquele que se monta..”, eu acho que foi a primeira coisa que ele pensou, que eu ia me vestir de mulher quando me assumi, e foi a preocupação dele por questão de todo preconceito. (Verde)

O tabu da feminilização de corpos masculinos é descrito por Bordieu²¹ (p. 144) como um “sacrilégio do masculino, isto é, do princípio dominante, que está inscrito na relação homossexual”. Fruto também da relação entre gênero, sexo e sexualidade, explicada por Butler¹⁸ como categorias sem dependência entre si.

O gênero feminino é, portanto, explicitamente caracterizado, como pontua Bourdieu²¹, e assim como marca o estranhamento da sexualidade vivida por Verde, Laranja também relata repressão do feminino em sua trajetória, ainda na infância.

Eu brincava com menino, mas eu brincava muito mais com meninas e apanhei muito por causa disso na minha infância. [...] Eu sofri outra questão familiar a respeito disso, pela questão de eu ter me descoberto e andar com os meninos (homossexuais) e minha família não entender. Tive que ser mandado embora [...] por essa questão. (Laranja)

O relato de Laranja expressa a hostilidade existente dentro de seu ambiente familiar e os mecanismos de violência utilizados para enquadrá-lo aos padrões de gênero. Essas atitudes de violência partiram de tias e tios com os quais Laranja residia antes de ser mandado embora para a casa de seus pais.

Para Perucchi; Brandão e Vieira¹⁴ ainda que a violência intrafamiliar não culmine com a expulsão, ela abre espaço para uma convivência marcada por humilhações e ações discriminatórias que repercutem por todo curso de vida, como podemos compreender a partir da narrativa de Azul:

Sofri uma pressão muito grande familiar, a sociedade na verdade levava pela brincadeira da coisa e a minha família não, sempre na repressiva, como se a solução fossem esses maus tratos, essa pressão psicológica. (Azul)

De acordo com Soliva e Silva Júnior²² (p. 132) “esse tipo de violência tem a capacidade de atingir seus agredidos de duas formas: pela dor de ser agredido e pelo fato de o agressor ser alguém com quem mantém uma relação de proximidade”, neste caso, ser alguém do seu seio familiar. Ainda segundo os mesmos autores, as agressões familiares ocorrem com a intenção

de trazer o indivíduo às raias da normalidade supostamente rompida, como podemos perceber a partir do trecho acima na narrativa de Azul.

Eixo Temático 3: Redes de apoio e estratégias de enfrentamento

As relações familiares após a descoberta da sexualidade ou determinado gênero de um membro familiar pode transitar por diversas fases. Entende-se que nem sempre a família atuará como fonte de apoio, tendo em vista o preconceito inicial relatado na maioria das narrativas dos colaboradores deste estudo.

As relações de amizade foram indicadas pelos depoentes como necessárias no processo de (re)descoberta de si, bem como para o enfrentamento das violências intrafamiliares, corroborando com a perspectiva de Lomando; Wagner e Gonçalves²³, os quais apontam os laços de amizade como relevantes redes de apoio diante dessa realidade.

Nesse contexto, Lilás revela em sua narrativa a importância de redes de apoio que comunguem de seus processos e suas vivências.

Eu tinha um amigo que também fez parte desse processo... Meu grande amigo SOL... ele já percebia que eu era [...] A gente toda vida se identificou muito, sofremos juntas, mas eu sempre dizia: “eu vou vencer, eu vou vencer!” e ele sempre me apoiando, sempre do meu lado e acreditando.. E graças a Deus, VENCI! (Lilás)

Segundo Campos e Guerra,²⁴ pessoas LGBT sentem-se mais a vontade em compartilhar com os amigos questões referentes à suas vivências, principalmente quando estas também os atravessam, por já terem vivenciado ou estarem vivenciando situações similares e conseguirem compreender de forma empática os problemas e as dificuldades enfrentadas, conforme é possível observar a partir da fala de Laranja.

Quando cheguei aqui encontrei um amigo que já era homossexual e bem mais velho do que eu [...] Então assim, eu tinha ai uma referência nele, nada de influência, tinha uma referência. [...] esse meu amigo, o Caetano, acho que ele me ajudou a me descobrir, a realmente ver se era isso. (Laranja)

Este sentimento de apoio encontrado nas relações de amizades do mesmo grupo culminou na articulação de uma rede de apoio à LGBTs no município, grupo onde os participantes deste estudo estão inseridos, com o objetivo de promover eventos, projetos e estratégias de enfrentamento às dificuldades impostas pelo território, assim como refere Vermelho.

[...] a gente que teve a iniciativa de fundar.. porque a gente começou a perceber que [...] começou alguns casos de agressão, de violência aqui [...] Se a gente não podia ajudar diretamente, a gente podia pelo menos fazer um encaminhamento pra um

espaço onde possa ajudar os outros, as pessoas que tinham menos informações do que a gente.. [...] E a gente tinha essa informação, então porque não compartilhar com os colegas que não tem? (Vermelho)

As conquistas da comunidade LGBT na contemporaneidade se devem a iniciativas de criação de redes que sustentaram a luta por direitos ao longo da história deste movimento^{25,26} e, de acordo com Freire²⁷, somente a união dos oprimidos, para enfrentar as opressões, tende a ser verdadeiramente libertador.

Outras estratégias foram identificadas como forma de enfrentar a rejeição familiar e social. Segundo Lima¹⁵ a finalidade dessas estratégias é romper estruturas de opressão, sendo um meio político para combater a discriminação e os preconceitos existentes.

Para alguns participantes deste estudo, a luta contra a discriminação teve como ápice a autonomia e a libertação que se fortaleceu com a conquista da independência financeira através do trabalho e das posições de poder assumidas, como relata Lilás:

Minha mãe chegou pra mim e disse: - 'você parece que é gay', eu disse: - 'sou'! Mas eu sempre dizia a minha mãe: 'enquanto eu for menor, eu to em casa, mas a partir do momento que eu fizer minha maioridade, saio de casa', [...] a partir do momento que consegui minha independência, tudo mudou! Hoje pago minhas contas, tenho minha casa, tenho meu carro, tenho meu emprego, não dependo de ninguém, só tem que aceitar. (Lilás)

Vermelho e Lilás enfrentaram os paradigmas e barreiras impostas à suas vivências no que tange o mercado de trabalho através da ocupação de espaços de poder e representação pública no município, conseguiram conquistar o respeito de suas famílias e da sociedade a partir do momento que lutaram contra as dificuldades de inserção de homossexuais e transgêneros no mercado de trabalho, impulsionando a autonomia sobre sua vida pessoal e um espaço de referência perante o meio social na época dificilmente ocupado por homossexuais, conforme a narrativa de Vermelho:

Essa postura da gente mudou a visão de algumas pessoas, porque a gente sabe que não consegue mudar muito, mas muita gente passou a deixar de ser aquela bichinha [...] que ia andar na rua.. e assumiu posições frente a sociedade. (Vermelho)

De acordo com Ferraz et al.²⁸ (p. 215) “se, de um lado, estar na casa dos pais, por exemplo, significa submeter-se ao poder, na maioria das vezes heteronormativo, de quem a sustenta, por outro lado, quem responde financeiramente por si mesmo está em condições de “ditar” como pretende viver”. Neste sentido, ao tornarem-se independentes e dominarem o comando de suas vidas pessoais e profissionais, os depoentes deste estudo reafirmaram seu

empoderamento para vivenciarem sua homossexualidade de uma forma mais aberta, tanto para a família, quanto para a sociedade.

Por fim, destaca-se ainda o papel da efetivação de estratégias políticas nos micro contextos como importante forma de suporte às vivências de LGBTs, considerando a especificidade do contexto de saúde e vida dessa população, a partir da disseminação e cumprimento de práticas estabelecidas na Política Nacional de Saúde Integral de LGBT, para que essas possam ser ampliadas e incorporadas no âmbito da Atenção Primária e em toda a Rede de Atenção a Saúde (RAS) na identificação e intervenção de/nas (re)produções de violências no âmbito do território adscrito^{29,30}.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, o momento da revelação da identidade de gênero ou orientação afetivo sexual é, na maioria das vezes, um momento de tensão para a família, transformando o espaço doméstico e a rede familiar em estruturas potenciais de reproduções de violências e introdução destas às vivências LGBTs, motivadas por concepções de cunho conservadoras, fixadas na ideia de uma heterossexualidade natural e de regulação dos papéis de gênero.

Estas violências, no entanto, são produzidas também para além dos espaços familiares, como estruturas que se repetem e reproduzem, marginalizando o feminino em corpos masculinos, como nas experiências transexuais, mas que também gera desconforto e expectativas em face da revelação da homossexualidade.

A rede de amigas se mostra como interlocutora do apoio e solidariedade a qual se esperava partir da família, mostrando maior potencial quando compostas por pares também LGBT, os quais se apoiam mutuamente para superação das iniquidades impostas e dificuldades vivenciadas nas suas relações familiares. No entanto, o principal fator relatado como determinante de melhoria da condição de vida e do sofrimento foi a independência financeira.

REFERÊNCIAS

1. Lima MDA, Souza A da S, Dantas MF. Os desafios à garantia de direitos da população LGBT no sistema único de saúde (SUS). *Interfaces Saúde, Humanas e Tecnol.* 2016;3(11):119–25.
2. Pinto IV, Andrade SS de A, Rodrigues LL, Santos MAS, Marinho MMA, Benício LA, et al. Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais

registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. *Rev Bras Epidemiol* [Internet]. 2020;23(suppl 1). Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000200404&tlng=pt

3. Soliva TB, Junior JB da S. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sex Salud y Soc.* 2014;(17):124–48.
4. Sarti CA. A família como ordem simbólica. *Psicol USP.* 2004;15(3):11–28.
5. Sedgwick EK. A epistemologia do armário. *Cad pagu.* 2007;28(1):19–54.
6. Richardson RJ. *Pesquisa social: métodos e técnicas.* 2015. 336 p.
7. Meihy JCSB, Holanda F. *História Oral: como fazer, como pensar.* Contexto. São Paulo; 2011. 176 p.
8. Matos JS, Senna AK de. História Oral como Fonte: problemas e métodos. *Historiæ.* 2011;2(1):95–108.
9. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades - Cuité [Internet]. 2019 [cited 2020 Jan 25]. Available from: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuite/panorama>
10. Bento B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.* Garamond. Rio de Janeiro; 2006. 256 p.
11. Miskolci R. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Gênero.* 2009;9(2):171–90.
12. Silva LV da, Barbosa BRSN. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. *Estud Reli.* 2016;30(3):129–54.
13. Scardua A, Filho EA de S. O debate sobre a homossexualidade mediado por representações sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais. *Psicol reflexão e crítica.* 2006;19(3):482–90.
14. Perucchi J, Brandão BC, Vieira HI dos S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estud Psicol.* 2014;19(1):65–76.

15. Silva MM de L, Frutuoso JFF, Feijó MR, Valerio NI, Chaves UH. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicol.* 2015;23(3):677–92.
16. Schulman S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas.* 2010;28(1):19–54.
17. Borsa JC, Nunes MLT. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicol Argumentativa.* 2011;64(29):31–9.
18. Butler J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora Re. Rio de Janeiro; 2016. 287 p.
19. Souza MHT de, Malvasi P, Signorelli MC, Gomes PPP. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad Saude Publica.* 2015;31(4):767–76.
20. Araújo KS da S, Pinheiro TD. Mortes que precedem a morte: trilhas e particularidades para a compreensão do transfeminicídio. *Inter-legere.* 2017;(21):43–62.
21. Pierre Bourdieu. A dominação masculina. Bertrand B. Rio de Janeiro; 2015. 160 p.
22. Soliva TB, Silva Junior JB da. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sex Salud y Soc (Rio Janeiro)* [Internet]. 2014 Aug;(17):124–48. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872014000200124&lng=pt&tlng=pt
23. Lomando E, Wagner A, Gonçalves J. Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicol Teor e prática.* 2011;13(3):95–109.
24. Campos LS, Guerra VM. O ajustamento familiar: associações entre o apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais. *Psicol Rev.* 2016;25(1):33–57.
25. Mello L. Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Garamond. Rio de Janeiro; 2005. 215 p.
26. Santos GG da C. Mobilizações homossexuais e Estado no Brasil: São Paulo (1978-2004). *Rev Bras Ciências Sociais.* 2007;22(63):122–35.
27. Freire P. *Pedagogia do oprimido.* Paz e Terr. Rio de Janeiro; 1994. 288 p.

28. Ferraz DL de S, Nogueira JM da S, Carvalho D da S, Pinto VC, Brito DBS de, Santos RL de A. A fala de gays sertanejos: aproximações e distanciamentos disursivos em duas gerações. *Bagoas*. 2016;(15):203–22.
29. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília; 2011.
30. Torres RC, Sousa PHSF, Silva MML, Azevedo MVC, Moraes AL de J, De Andrade AFSM. Conhecimento de discentes e enfermeiros acerca da política nacional dos direitos LGBTQ+. *Brazilian Journal of Development(Curitiba)* [Internet]. 2020; 6(10): 75032-75042. Available from: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/17752/14394>